

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

ANGELA DESIMON TRICOT



**TECENDO PONTOS PARA UM
DICIONÁRIO VIVO DE TEATRO
Saberes em processo na sala de aula**

**Porto Alegre
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

**TECENDO PONTOS PARA UM DICIONÁRIO VIVO DE TEATRO
Saberes em processo na sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Teatro
Sob orientação da Profa. Dra.
Vera Lúcia Bertoni dos Santos

ANGELA DESIMON TRICOT

Porto Alegre
2014

Agradecimentos

Tantas bonitezas aconteceram ao longo do curso de Teatro e desta pesquisa... uma delas foi ouvir, de uma menina de nove anos, durante uma aula, que no teatro “pode tudo”. E por também acreditar nisso e sempre às voltas com ele (o Teatro) em minha vida desde pequenina, arrisquei e fiz do sonho de fazer este curso uma realidade. Porém não consegui realizá-lo sozinha, até porque seria uma contradição fazer esta caminhada de forma solitária, pois teatro é comunhão, é parceria, é troca! Muitas pessoas estiveram comigo ao longo deste percurso, umas bem próximas, umas nem tanto, outras muito além deste plano. Mas todas foram fundamentais e especiais para mim. Shakespeare disse certa vez que “nós somos do tecido de que são feitos os sonhos”. A todas estas pessoas eu agradeço por sonharem comigo e fazerem parte da renda da minha vida, cada qual com seu fio, cada qual com seu bordado...

Agradeço aos alunos que me instigaram e inspiraram. Aos queridos colegas de curso por tudo que partilhamos neste tempo de convivência. Às colegas de escola que sempre colaboraram com ajustes de horários e compreenderam as necessidades de quem se divide entre trabalho e estudo. Aos professores e professoras que tão generosamente ofereceram os seus conhecimentos e me desafiaram a ir mais além. Em especial à professora Vera Bertoni, pelo envolvimento, pela paixão que demonstra ao ensinar, pela grande sensibilidade e sabedoria. À querida Jacqueline Pinzon, que me ensinou muito do que sei sobre teatro. Aos amigos de tanto tempo da Cia Teatral do Carvão, que se tornaram família, por compartilhar do mesmo amor pelo teatro e me fazer acreditar na sua magia e no seu poder de transformar vidas. A minha afilhada, Mahara, que enche meus dias de luz e esperança. A minha família que sempre me apoiou e incentivou. À memória de meu pai, pelo exemplo de caráter e por tudo o que foi e continua sendo para mim o meu amor incondicional. A minha mãe, Maria Helena, que esteve presente em todas as estreias e reestreias da minha vida e a minha irmã, Cristina, que tive o prazer de dividir tudo, inclusive os palcos: amo vocês. À Neusinha, por sua escuta e paciência, pelo incentivo e apoio incansáveis e pelo coração, em todos os momentos. Obrigada.

“Eu queria que a mão do amor
um dia trançasse
os fios do nosso destino,
bordadeira fazendo tricô,
em cada ponto que desse
amarrasse a dor.
Como quem faz um crochê,
uma renda, um filó,
unisse as pontas do nosso querer
e desse um nó.”
Roque Ferreira

SUMÁRIO

Resumo.....	6
1. Uma renda que se tece.....	7
2. Reconhecer e unir os primeiros fios	9
3. Entrelaçar saberes	11
3.1 <i>Sondagens Lúdicas</i>	<i>12</i>
3.2 <i>Princípio de um dicionário de teatro para crianças</i>	<i>16</i>
4. Surgem algumas rendas	24
4.1 <i>O Dicionário Vivo de Teatro</i>	<i>26</i>
4.2 <i>Arte, interação e aprendizagem</i>	<i>27</i>
5. Uma renda que se continua a fiar.....	29
Referências	32
Anexos	34

Resumo

O trabalho apresenta resultados de uma pesquisa acerca da aquisição de saberes teatrais por estudantes do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Porto Alegre (RS). Para investigar os saberes prévios dos estudantes desenvolveram-se “sondagens lúdicas” a partir de propostas disparadoras de discussões e ações. Na sequência do trabalho, realizado com base na improvisação teatral (Spolin), surge uma metodologia de ensino e aprendizagem, na qual as improvisações são registradas em vídeo, visualizadas e debatidas pelos alunos, que reconhecem os conceitos teatrais em si e nas imagens das suas próprias ações; e os vídeos são editados e acrescidos de legendas representativas dos conceitos, vindo a constituir “vídeos verbetes”, que compõem o “dicionário vivo de teatro”, assim chamado pelo caráter prático e reflexivo dos conhecimentos construídos pelos estudantes.

Palavras-chave: teatro; escola; conhecimento; dicionário.

1. Uma renda que se tece

É necessário manusear diferentes fios, dar alguns nós também é importante. Criar, ampliar e aprimorar as teceduras.

Este trabalho traz alguns entrelaçamentos entre o Teatro e a Pedagogia; entre os saberes trazidos pelos estudantes e aqueles já legitimados através de teóricos; entre as possibilidades de criar e recriar práticas pedagógicas que ampliem os conhecimentos teatrais e que promovam e potencializem o Teatro dentro da escola. Apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa acerca da identificação e aquisição de saberes teatrais de jovens estudantes de diferentes escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RS), que se realizou nos anos de 2013 e 2014, junto a duas turmas de 5º e 7º anos do Ensino Fundamental, respectivamente.

Inicialmente, para investigar os conhecimentos prévios dos estudantes, foram desenvolvidas “sondagens lúdicas” a partir de atividades disparadoras de discussões e ações, tais como: leitura de imagens, produção de desenhos, filmes e circuitos de jogos. Posteriormente, os materiais advindos das sondagens foram analisados (VYGOTSKY, 1989 e RYNGAERT, 2009).

O resultado do trabalho com o primeiro grupo de estudantes do 5º ano foi a criação de um princípio de “dicionário de teatro para crianças”, composto por onze verbetes (PAVIS, 2007 e KOWZAN, 1977). Na sequência do trabalho com o segundo grupo de estudantes do 7º ano, realizado com base nos princípios dos “jogos teatrais” (SPOLIN, 1979 e KOUDELA, 1984), surgiu uma inusitada metodologia de ensino e aprendizagem de conhecimentos em teatro. Nesse método, as improvisações teatrais eram registradas em vídeo, visualizadas e debatidas pelos estudantes, que reconheciam, em si e nas imagens das suas próprias ações, princípios e conceitos da arte do teatro; e num momento seguinte, os vídeos eram editados e acrescidos de legendas com palavras que representavam conceitos de teatro em foco, vindo a constituir os chamados “vídeos verbetes”, que, no seu conjunto, viriam a compor o protótipo de um “dicionário vivo de teatro”, assim denominado em

alusão ao caráter ativo, prático e reflexivo dos conhecimentos construídos pelos sujeitos da pesquisa.

Até o presente momento alguns nós já foram dados, outros ainda estão soltos à espera de novas amarras.

2. Reconhecer e unir os primeiros fios

“Eu queria que a mão do amor
um dia trançasse
os fios do nosso destino...”

Para fiar é preciso separar os fios, prepará-los, torcê-los, entrelaçá-los e ajustá-los uns aos outros. Requer paciência, persistência e habilidade. Quanto mais a fiandeira se apropria do fiar, mais elaborada se torna a sua renda, mais fios são necessários, mais tramas surgem.

Acredito que tal como requer o trabalho de fiar, o trabalho que procuro desenvolver nesta pesquisa requer: entrelaçar saberes, descobrir outros tantos, recriar conhecimentos, significá-los.

“Tecendo pontos para um dicionário vivo de teatro” iniciou muito antes do último semestre do curso de Licenciatura em Teatro. Alguns fios já existem há muito tempo...

Primeiro dia de aula no Jardim de Infância, o ano era 1985. De mãos dadas com a minha mãe, atravesso o portão da escola e entro na primeira porta à esquerda. Muitas crianças, uma professora querida e uma sala de aula com grandes janelas, quadro negro, mesas redondas, cartazes coloridos nas paredes e um enorme, encantador, velho e desativado palco italiano ao fundo.

A presença deste palco acompanhou-me durante todo aquele ano letivo. Muitas incursões até ele ocorreram (com e sem a permissão da professora), fugas para os camarins (cheios de classes e outros objetos quebrados), o sabor de aventura ao pisar em um lugar proibido, perigoso (que sempre poderia ceder alguma parte). Digamos que um dos meus primeiros encontros com o teatro foi assim: em um palco velho, dentro da minha sala de aula. Dez anos depois voltei àquela escola interpretando “Pluft”, de Maria Clara Machado¹, no mesmo velho palco que, naquele dia, também não caiu.

¹ MACHADO, Maria Clara. **Teatro I: A bruxinha que era boa, O rapto das cebolinhas, O Chapeuzinho vermelho, Pluft, o fantasma, O boi e o burro no caminho de Belém.** Agir, 1977.

Tantos outros encontros se sucederam e continuei a ter o teatro em minha vida: na escola, em projetos ligados a órgãos públicos, em grupos amadores participando de festivais, fazendo temporadas.

Em 1998 iniciei o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde aconteceram os meus primeiros “tramados e trançados” na educação. De 1999 até 2002, fui bolsista de Iniciação Científica da professora Analice Pillar, na Faculdade de Educação, com pesquisas voltadas para a leitura de imagens. Foi um período no qual aprendi muito, pois pude participar de salões e seminários científicos e estabelecer relações entre as teorias da pesquisa e os saberes do próprio curso, inclusive em meu trabalho de conclusão.

Iniciei minha vida como professora nos municípios de Eldorado do Sul e Arroio dos Ratos (RS), em instituições de ensino das redes municipal e particular de ensino. Nessas escolas, consegui fazer alguns “rendados” com o teatro e as outras disciplinas com as quais trabalhava com os estudantes. Projetos de teatro no turno inverso às atividades de classe dos estudantes, grupos de teatro escolar, apresentações de encerramento, eram atividades que me acompanhavam, independentemente da escola em que estivesse lecionando.

Paralela, ou melhor, intrínseca à minha vida profissional, desenvolvia-se uma vida de atriz, com trabalhos em cartaz e participação em projetos e festivais de teatro.

No ano de 2010 passei a trabalhar como professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Instalada na capital, decidi “arriscar novos pontos na agulha” e prestar vestibular para o curso de Licenciatura em Teatro. A partir de 2011, o Departamento de Arte Dramática da UFRGS passou a me oferecer “novos fios” e, conseqüentemente, “outras tramas começaram a se entrelaçar ao meu bordado”.

3. Entrelaçar saberes

“Mas a jovem aranha não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.
– Não faço teias por instinto.
– Então, faz porquê?
– Faço por arte.”

Mia Couto

No quinto semestre do curso de Teatro inicia-se uma aproximação maior com a educação, pois a partir deste período começam as disciplinas voltadas especificamente para a Licenciatura em Teatro. Foi naquele semestre que meu envolvimento com a pesquisa que originou este trabalho, de fato, surgiu. Foi onde ela começou a ser melhor “desenhada”.

Na disciplina de Fundamentos do Ensino de Teatro, componente curricular obrigatório do Curso, surgiu a necessidade de realizar uma pesquisa que articulasse conhecimentos em Teatro e Educação. Na disciplina de Metodologia do Ensino de Teatro, outro componente curricular obrigatório, tive acesso a diferentes teorias e métodos de ensino e aprendizagem de teatro, além da experiência de planejar e ministrar uma aula a um grupo de estudantes do Ensino Médio. Mais fios para manusear, as redes que tanto quisera tecer com os conhecimentos de aluna e professora começam a tomar forma. Havia a proposta de uma pesquisa e uma vontade de desenvolvê-la junto a uma das turmas com as quais eu trabalhava na escola, como professora unidocente, e que não tinha a disciplina de Teatro em seu currículo.

A turma, um 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dolores Alcaraz Caldas, localizada no bairro Restinga, região sul da capital, era composta por 28 alunos, 15 meninos e 13 meninas, com idades entre 9 e 11 anos de idade. Os estudantes eram bastante participativos e recebiam bem propostas de jogos, quando estas eram oferecidas. Para dar início à pesquisa perguntei a eles quem já havia ido ao

teatro. Poucos, foi o que percebi quando levantaram o braço; e, quando alguns debatiam em um pequeno grupo se “aquele *show* de mágica era teatro”, fiquei em silêncio observando-os para, logo em seguida perceber que havia encontrado ali uma possibilidade de pesquisa que desejava realizar. Naquele momento, mais fios, de outras cores, com muitas pontas eram oferecidos pelas crianças.

Como os estudantes se apropriam do teatro? Onde aprendem e por qual ou quais meios reconhecem os seus signos? O que sabem sobre teatro? Estas foram as questões motivadoras do trabalho que passei a desenvolver, que tem por propósito ampliar os saberes dos estudantes da Educação Básica em relação ao Teatro.

Por que investigar os saberes dos sujeitos? Quando me refiro aos saberes dos estudantes, imediatamente penso que eles trazem muitos conhecimentos a partir das suas experiências, seja vendo televisão, filme, indo a uma manifestação cênica, participando de uma determinada oficina. Ou seja, eles trazem consigo ideias sobre variados temas e conseguem fazer aproximações até mesmo de conceitos teatrais complexos.

Nesse sentido, passei a idealizar formas de diálogo entre os saberes em teatro dos estudantes, que passaram a ser compreendidos como sujeitos da minha investigação, e alguns conhecimentos elementares, que possibilitassem a eles compreender aspectos teóricos e práticos do teatro.

Esse diálogo iniciou-se pelas chamadas Sondagens Lúdicas, que permitiram estabelecer alguns princípios para a elaboração de um Dicionário de Teatro.

3.1 As Sondagens Lúdicas

Uma das primeiras experiências de sondagem com o 5º ano, foi a atividade de leitura de imagens, que consistiu em apresentar *slides* com imagens de teatro e registrar as falas espontâneas que surgiam a partir das leituras.

As imagens foram escolhidas obedecendo uma sequência cronológica, contemplando mais o teatro ocidental, desde a antiguidade até a contemporaneidade (esta representada por grupos e diretores mais conhecidos, como Peter Brook, Bob Wilson e Ariane Mnouchkine) e, também apresentou algumas formas de representação teatral como teatro de bonecos, sombras, fantoches, palco italiano, rua e dança teatro.

A seguir, apresento as imagens escolhidas e “leituras” feitas pelos estudantes a partir delas:



- Brigas, guerras.
- Coliseu.
- Tá parecendo um teatro onde aconteciam peças.
- Que teatro! É guerra!



- Teatro. Cinema.
- Tem cortina.
- Pode ser qualquer um. Não se sabe se eles vão trazer a televisão. Quando vê a televisão tá bem lá atrás. Vocês não pensam?!



- Festa à fantasia.
- Pode ser do circo, do palhaço.
- São duas máscaras: uma representa a felicidade e a outra a tristeza.
- No teatro tem algumas partes de alegria e outras de tristeza.
- Eu vi no stand up, tinha essas máscaras lá em cima.



- Luz acesa. Então não é cinema.
- É um cinema antes do filme ou depois que acabou.



- É um monte de pessoa presenciando algum evento.
- Pra mim são os assistidores.
- Tão sentados na quadra de futebol apresentando um teatro.



- É um teatro. Eles estão se apresentando.
- Minha irmã usa essa botina.
- Balé contemporâneo.
- Teatro gay.

Homem pode fazer personagem feminino?

- O que importa é o que ele é fora do teatro. Lá dentro tá representando um papel.
- Equipe de dança.



- Isso sim é um teatro, têm roupas.
- O jeito que eles estão parece uma dança.



- Isso é circo.
- São três palhaços. Três atores.



- Aquele ali é quando vira o motoqueiro fantasma.
- É aquele que trabalha com ossos antigos.
- Tá fazendo um teatro de pessoa. Ele quer ser aquilo. Como ele vai ser.



- É um clipezinho bem mal feito.
- Dona Florinda de camelô.
- Parece um tipo de dança.



- É uma peça. Por causas dos tecidos. Por causa do cenário.
- Aquilo ali não pode ser um barco de verdade, por isso é teatro.

O que pode no teatro?

- Pode tudo, por exemplo... de morte: duas cadeiras e uma escada vira um caixão de mentira. Eu é que morria.

- Pode ser verdade ou mentira. Dá pra ver.

Mesmo sendo de mentira a gente pode acreditar?

- Pode, por que é legal.

- A gente pode pensar pra dentro e aí é de verdade.



- É um monte de fantasma chinês.



- Tão tudo na rua. Fazendo teatro na rua.



- Teatro de sombras. Tem um anãozinho lá atrás.



- Teatro de fantoches. Tem fio!
- E não é gente, né!



- É uma peça por causa das roupas. Na maioria o teatro é feito pelos adultos e a peça pelas crianças.”



- As crianças fazendo teatro.
- Pintaram o rosto.

A segunda sondagem lúdica consistiu em apresentar um vídeo (de aproximadamente cinco minutos de duração) composto por imagens e textos que traziam uma breve história do teatro ocidental e referências de elementos teatrais (ator, público, figurino, cenário, maquiagem, iluminação, sonoplastia, máscara, tragédia, comédia) e, também, pessoais.

Os alunos mostraram-se atentos ao filme, ficaram em silêncio na maior parte do tempo, fizeram poucos comentários, como: *achei legal*, *a cara deles é engraçada* (atores maquiados), *igual a o stand up* (referente às máscaras da tragédia e comédia), *uma quadra de futebol* (referente à imagem de um público assistindo uma peça teatral em uma quadra de esportes).

Dessa vez, ao invés estimular os alunos a falar espontaneamente (como ocorreu na primeira sondagem) foi proposto aos estudantes que realizassem registros em desenhos sobre conceitos teatrais específicos. Esta constituiu a terceira sondagem lúdica: a produção de desenhos. Para tanto, os estudantes

receberam folhas de papel, com espaços destinados a desenhos que representassem os seguintes elementos: ator, atriz, plateia, palco, cenário, figurino, maquiagem, iluminação, sonoplastia/som, peça, teatro, tragédia, comédia, máscara, diretor, teatro de sombras, teatro de bonecos, teatro de rua.

3.2 Princípio de um dicionário de teatro para crianças

A intenção do trabalho pedagógico, junto a este primeiro grupo era identificar os saberes sobre teatro que os estudantes traziam consigo, e saber de onde eles vinham. A partir destes registros, criou-se o princípio de um dicionário de teatro para crianças, com onze verbetes, desenvolvidos a partir do cruzamento entre informações obtidas de pesquisas envolvendo as obras de PAVIS (2007) e KOWZAN (1977), falas (comentários) dos alunos e imagens criadas por eles.

Segundo o dicionário Aurélio o significado de Verbetes é: “s.m. Apontamento, comentário, nota, verba. / Papel em que se escreve um apontamento. / Bras. Nos dicionários e enciclopédias, conjunto de significações e explicações referentes a um vocábulo.”²

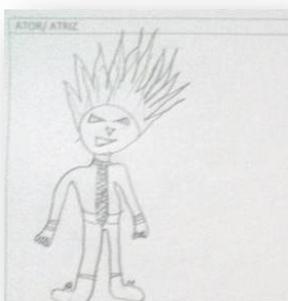
Os verbetes foram transcritos a partir dos comentários dos alunos acerca das palavras que lhes eram apresentadas. Porém, anteriormente foram apresentadas às crianças, dezesseis imagens relacionadas ao teatro*, sobre as quais eram feitos comentários que foram transcritos. A partir das colocações das crianças, foi possível estabelecer uma relação entre as imagens e os conhecimentos prévios que possuíam sobre teatro.

Em sua maioria, a turma reconhecia o teatro enquanto linguagem diferente da televisão, do cinema e do circo. Algumas crianças relataram que já haviam ido ao teatro, visto na escola ou feito alguma apresentação. Ao mesmo tempo também haviam dúvidas relacionadas a imagens de espetáculos como os de Bob Wilson, os de estilo *clownesco* e se, de fato, essas imagens representavam teatro ou cinema, dança e circo. Porém, já neste encontro, os

² Dicionário do Aurélio. Disponível em: <[HTTP://www.dicionariodoaurélio.com/Verbetes.html](http://www.dicionariodoaurélio.com/Verbetes.html)>. Acesso em 19 de junho de 2013.

alunos espontaneamente, ao falarem das imagens, trouxeram explicações acerca de signos teatrais, como máscaras, cenário, iluminação, ator, peça, papel, entre outras. Em um segundo encontro, sem as imagens, os alunos ouviam as palavras e tinham que dar uma definição para elas. Foi proposto então, que a turma criasse verbetes. A princípio, selecionei dez palavras, porém, durante os comentários, surgiu a necessidade de incluir outras, pois, ao explicar, as crianças aportavam-se a outras palavras também significativas.

Abaixo estão os onze verbetes, apresentados da seguinte forma: primeiro são as transcrições de algumas das falas dos estudantes; em seguida é apresentado o conceito embasado teoricamente; por fim, um novo verbete é criado, a partir do cruzamento dos estudantes com os teóricos, a partir de uma linguagem mais próxima a dos estudantes. Os verbetes também estão ilustrados com as imagens produzidas pela turma.



Ator/Atriz – Pessoas que interpretam papéis diferentes. E papel é a vida de uma pessoa. É uma pessoa que faz duas vidas ao mesmo tempo: a dela e a do papel.

O ator desempenhando um papel ou encarnado uma *personagem**, situa-se no próprio cerne do acontecimento teatral. Ele é o vínculo vivo entre o texto do autor, as diretivas de atuação do encenador e o olhar e a audição do espectador (PAVIS, 2007, p .30).

Ator é aquele que representa um papel, uma história, uma situação, um personagem. Comunica algo a uma ou várias pessoas. Interpreta papéis diversos. Faz improvisações.



Cenário – Lugar, parede que pintam para poder entrar na peça. Ex: pintam um castelo para a gente poder entrar no mundo que eles estão transmitindo.

A tarefa primordial do cenário [...] consiste em representar o lugar: lugar geográfico (paisagem com pagodes, mar,

montanha), lugar social (praça pública, laboratório, cozinha, café) ou dois de uma só vez. [...] Pode significar tempo: época histórica (templo grego), estação (tetos cobertos de neve), hora (sol, poente, lua). [...] Há o cenário abundante em detalhes e o cenário que se reduz a alguns elementos essenciais, e ainda a só um elemento (KOWZAN In: INGARDEN, BOGATYREV, HONZL e KOWZAN, 1977, p. 73).

O cenário contribui para a apresentação de um lugar, um tempo no qual a peça vai acontecer. O cenário pode ser composto de muitos, poucos ou nenhum objeto. O cenário pode ser feito de diversos materiais.



Comédia – É quando se ri muito. Quando acontecem coisas engraçadas: piadas, palhaçadas, brincadeiras. Ex: eu já vi uma pessoa falando com a parede. Quando se fala sozinho. Quando fala com animais.

“Tradicionalmente define-se a comédia por três critérios que a opõem à tragédia: suas personagens são de condição modesta, seu desenlace é feliz e sua finalidade é provocar o riso no espectador.” (PAVIS, 2007, p. 52-53)

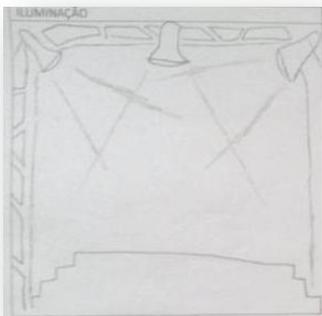
Comédia é o uso do humor no teatro, onde existem situações que fazem o público rir. Repetições, ações sem sentido, exageros, surpresas e ações inusitadas fazem parte da comédia.



Figurino – Roupas usadas pelos atores. São fantasias.

Indumentária.[...] No teatro, constitui o meio mais externo, mais convencional de definir o indivíduo humano. A indumentária assinala o sexo, a idade, a classe social, a profissão, uma posição social ou hierárquica particular (rei, Papa), a nacionalidade, a religião, e determina às vezes a personalidade histórica ou contemporânea. [...] a indumentária pode assinalar toda sorte de matizes, como a situação material da personagem, seus gostos, certos traços de seu caráter [...] (KOWZAN, 1977, p.71).

Figurino são as roupas que os atores utilizam em cena e que servem para caracterizar quem são as personagens: em que época elas se encontram, qual a sua profissão, qual o seu caráter, sua posição social, seu sexo.



Iluminação – São as luzes. Luzes seguindo os atores. É para relatar quando está claro e quando está escuro na peça.

[...] Uma função importante da iluminação consiste na possibilidade de ampliar ou modificar o valor do gesto, do movimento, do cenário, e até de acrescentar um valor semiológico novo; o rosto, o corpo do ator ou o fragmento do cenário às vezes são modelados pela luz. A cor difundida pela iluminação também pode desempenhar papel semiológico (KOWZAN, 1977, p. 74).

São as luzes que ajudam a ambientar a peça (dia, noite, raios, quente, frio). Também ajudar a mostrar melhor todos os atores ou alguns em uma mesma cena. Mostra também objetos que estão na cena. Existe no teatro a luz artificial (holofotes) e a luz natural.



Maquiagem – É quase igual à roupa. Muda as pessoas. Faz com que elas se pareçam com outras pessoas, animais, objetos.

A maquiagem tem por objeto fazer ressaltar o valor do rosto do ator que aparece em certas condições de luz. Junto com a mímica contribui para dar a fisionomia a personagem. [...] a maquiagem forma signos de caráter mais duradouro. Às vezes se aplica a outras superfícies descobertas do corpo, como as mãos ou ombros (KOWZAN, 1977, p. 70).

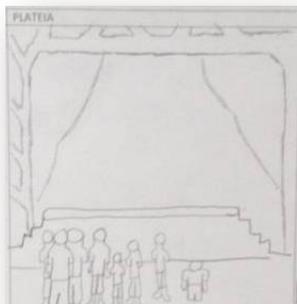
A maquiagem ajuda a mostrar melhor o rosto do ator e suas expressões. Também muda o rosto do ator, através da utilização de materiais/produtos que servem para pintá-lo.



Máscara – É a mesma coisa que a maquiagem. Usa para ficar parecido com pessoa, animal, objeto que se quer interpretar.

[...] a máscara é usada no teatro em função de várias considerações, principalmente para observar os outros, estando o próprio observador ao abrigo dos olhares. [...] a máscara deforma propositalmente a fisionomia humana, desenha uma caricatura e refunde totalmente o semblante (PAVIS, 2007, p. 234).

Serve para caracterizar um personagem e para esconder o rosto do ator. As máscaras podem ter várias expressões, como as da comédia e da tragédia. Um ator pode usar várias máscaras se for necessário. Cada máscara pode ser um personagem diferente.

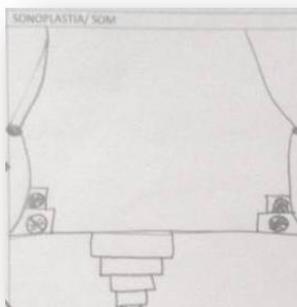


Público – Um monte de pessoas presenciando algum evento. Pessoas que frequentam teatro, cinema, etc. a plateia aplaude. O público são os “assistidores”.

[...] o espectador de teatro está consciente das convenções (quarta parede, personagem, concentração dos efeitos e da dramaturgia). Continua a ser o manipulador-mor, o maquinista de suas próprias emoções, o artesão do acontecimento teatral [...] (PAVIS, 2007, p. 140-141).

O público é muito importante para o teatro. É para quem os atores apresentam. Ele assiste e participa do espetáculo.

Som – É a voz. Os atores e atrizes que fazem as peças falando. As palmas.



[...] categoria dos efeitos sonoros que não pertencem nem à palavra, nem à música: os ruídos. [...] há todo um terreno de signos naturais (ruídos de passos, rangidos de portas, roçar de acessórios e roupas) que continuam sendo signos naturais dentro do espetáculo. São consequência secundária e involuntária da comunicação alcançada por meio de outros signos. [...] só nos interessam os ruídos que na vida são signos naturais ou artificiais e que são reconstruídos artificialmente para os fins do espetáculo; constituem o campo do som. [...] (KOWZAN, 1977, p. 76).

Som são os ruídos que ocorrem durante o espetáculo.

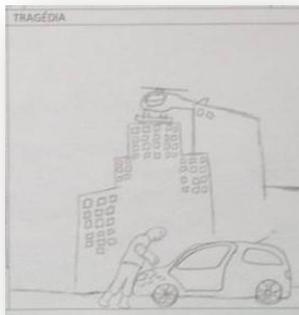
Eles nos ajudam a identificar um estado (frio, chuva, alegria, tristeza), um lugar (rodoviária, escola, trânsito na rua), objetos (carro, porta, telefone), animais, etc.



Teatro – Onde as pessoas fazem cenas. Onde passam alegria, tristeza e emoção. Lugar de animações. É um lugar onde se apresentam atores e atrizes e acontece um monte de emoções. Onde se conta uma história.

Teatro. s.m. Lugar em que se representam obras dramáticas, ou se apresentam espetáculos: ir ao teatro. / A literatura dramática: as regras do teatro. / Conjunto de peças de um país ou de um autor: o teatro grego; o teatro de Corneille. / Profissão de ator: destinar-se ao teatro. / Fig. Lugar em que ocorrem certos fatos: esta cidade foi teatro de um grande acontecimento. // Teatro de operações, zona que apresenta unidade geográfica ou estratégica, na qual podem desenvolver-se operações militares.³

É uma arte. O teatro precisa de atores, de público e de uma história para ser contada. Pode ser feita na hora (improvisar) ou não (pode ser ensaiada, marcada, decorada e depois apresentada ao público).



Tragédia – É quando alguma coisa ruim acontece. Pode ser com morte, desespero, quando se perde alguém.

“Peça que representa uma ação humana funesta muitas vezes terminada em morte” (PAVIS, 2007, p. 415).

No teatro, a tragédia representa algo triste. Em cena podem ser apresentadas situações como: morte, abandono, violência, saudade, desespero, angústia, etc. Geralmente, o público não sorri nas peças que apresentam tragédias.

4. Surgem algumas rendas

“(…) Como quem faz um crochê,
uma renda, um filó,
unisse as pontas do nosso querer
e desse um nó.”

Depois da pesquisa realizada com o grupo de estudantes do 5º ano questionei-me se seria possível avançar nesta pesquisa metodológica. Alguns fios estavam soltos e era necessário fazer novos bordados e arremates.

Foi então, que no sexto semestre do curso, frequentei as aulas da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Disciplina obrigatória para todos os cursos de licenciatura no Brasil, segundo a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002.

Ao participar das aulas de LIBRAS, chamou-me a atenção uma das ferramentas de ensino da disciplina. Aos estudantes ouvintes, eram apresentados vídeos que serviam como instrumento de aprendizagem dos sinais (adjetivos, substantivos, expressões do cotidiano, alfabeto, números, etc.), pois estes desenvolviam a competência linguística por meio da análise e interpretação. Geralmente, nestes vídeos havia um intérprete no centro, em um fundo neutro, que representava o sinal em LIBRAS, porém, antes do sinal ser realizado a palavra escrita surgia na tela. Os vídeos também serviram como instrumentos de avaliação, onde o sinal era realizado e neste caso não surgia nada escrito. Os alunos deveriam interpretá-lo e depois marcar a opção correspondente em uma prova com questões de múltipla escolha. Considerei que esta ferramenta poderia ser adaptada e utilizada em outras instâncias. Vontade de fazer outras tessituras, mas ainda não sabia como...

No 7º semestre do curso, chegou o momento do estágio e da escrita do projeto de trabalho de conclusão, tarefas obrigatórias do curso de Licenciatura em Teatro. Inspirada pela pesquisa do dicionário de teatro para crianças, iniciado no ano anterior e com o desejo de desenvolver as sondagens lúdicas decidi retomá-las e aprimorá-las no momento do estágio.

Iniciei meu Estágio I de Docência em Teatro na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Monte Cristo, localizada no bairro Vila Nova, na zona sul de Porto Alegre, com uma turma de C10 (correspondente ao 7º ano do Ensino Fundamental). Turma formada por 15 alunos, sendo eles 13 meninos e 2 meninas com 13 anos, e que não teve a disciplina de teatro no currículo até aquele idades entre 12 e momento.

Realizei algumas das sondagens lúdicas citadas no capítulo anterior, com este grupo, sendo uma, o vídeo sobre teatro. Ao assisti-lo os estudantes mostraram-se interessados, ficaram em silêncio e atentos ao que estavam vendo, faziam breves comentários (*Legal, gostei*) sobre as imagens e textos. Ao final bateram palmas.

Logo em seguida à exibição do filme, realizei uma nova sondagem: o **circuito teatral**. Este circuito consistia em realizar atividades físicas, lúdicas, de imitação e exploração do corpo e do espaço no pátio da escola. A turma foi dividida em dois grupos e as regras do circuito foram explicadas. A atividade consistiu em realizar o desafio de responder perguntas relacionadas ao vídeo anteriormente assistido e cumprir tarefas de expressão corporal e vocal, bem como, explorar o espaço do saguão da escola para encontrar as respostas. Os grupos mostraram-se bastante empolgados com a proposta, pularam e correram, estavam rindo e falando em voz alta.

Esta sondagem permitia observar os estudantes no momento do jogo e da sua entrega à realização das tarefas, seus corpos, disponíveis ou não, suas capacidades de observação ou não, a capacidade de concentração, escuta, síntese, liderança. Ao serem questionados sobre a dificuldade de fazer as tarefas, os estudantes D. e G. disseram:

- *Quando as outras pessoas olhavam dava vergonha, mas depois de um tempo a gente se esquecia dos outros. Tinha que fazer, né?!*

- *Eu gostei de aprender assim! E as respostas eram fáceis, era só ter prestado atenção no filme.*

Além das sondagens, com este grupo do 7º ano, desenvolvi propostas de ensino de teatro baseadas no método dos *Jogos Teatrais* de Viola Spolin (1979).

Ao falar de jogos para o teatro, os *Jogos Teatrais*, criados pela professora Viola Spolin são referência. A prática deste sistema oferece uma organização, que disciplina o pensamento do professor-diretor-aprendiz. Poder pautar as aulas, tendo como suporte esta metodologia, tornou-se um sistema plausível, dotado de uma lógica de como ensinar e aprender teatro.

Este sistema, de acordo com DESGRANGES:

[...] estrutura-se menos como uma transmissão de conteúdos e mais como uma proposição de experiências, nas quais o participante vai formular as suas descobertas, elaborar as suas respostas, construindo, como foi dito, o próprio conhecimento durante o processo de aprendizagem.” (2006, p.117)

E segundo PUPO, constitui: “[...] um sistema de improvisações teatrais visando a uma atuação marcada pela espontaneidade e pelo caráter orgânico.” (2005, p.218).

Tecendo a renda do estágio e da nova pesquisa, a vontade de retomar a produção do dicionário de teatro crescia, porém havia a necessidade de rever o seu processo de criação, tendo em vista que os estudantes agora estavam fazendo aula de teatro. Além de debater eles agiam, criavam, experimentavam. Uma nova metodologia para este fim precisava ser descoberta.

Durante as aulas fez-se necessário aliar a prática com a criação deste instrumento. Portanto, um dicionário apenas escrito não servia mais ao propósito da construção do conhecimento que se dava por parte dos estudantes e também por minha parte.

A prática teatral tem inegavelmente um caráter ativo, faz-se através da ação. Como traduzir estas aprendizagens em um dicionário escrito, estático? Por que não criar um Dicionário Vivo de Teatro?

4.1 Dicionário vivo de Teatro

Ao pensar em uma forma de registro para este novo dicionário e que contemplasse a linguagem corporal e os conceitos teatrais, chegou o momento de amarrar os fios das disciplinas de LIBRAS, de Estágio e Projeto de Pesquisa. Reportei-me às aulas de LIBRAS, e procurei adaptar a estrutura daqueles vídeos a novos vídeos que registrassem a produção teatral dos estudantes, que captassem o momento da ação, da criação.

As improvisações dos estudantes do 7º ano foram filmadas com uma câmera digital. Logo em seguida, os vídeos foram assistidos e avaliados, onde se procurou identificar conceitos teatrais ali presentes. Com a mediação da professora, fizemos um debate onde elegemos a visualização de três conceitos que estávamos desenvolvendo durante as aulas: entrada em cena, diálogo e objeto imaginário. Depois disso, os vídeos foram editados no ponto em que o conceito mais aparecia e foram acrescidos da palavra escrita que os representava. A estes foi dado o nome de **vídeos verbetes**.

Os *vídeos verbetes* mostram a ação e também a palavra escrita. Cada *vídeo verbe* é o registro da aquisição de um possível conceito de teatro. O vídeo serve de instrumento de pesquisa e análise do próprio trabalho de improvisação por parte dos alunos, eles surgem a partir da necessidade de aprofundar os conhecimentos em teatro e formar um repertório de conceitos que poderão ser experienciados a partir das suas criações, da sua espontaneidade, dos seus saberes. Estes conceitos deixam de ser apenas novas palavras aprendidas e apartadas do seu significado prático, pelo contrário: fazer a improvisação, registrar em vídeo, observar o próprio desempenho e construir um entendimento a partir daquilo que eles próprios fizeram, analisando a sua prática e identificando os conceitos que nela estavam presentes, tornam estes conceitos vivos.

A metodologia do dicionário pode ser aplicada em diferentes grupos, cada turma poderá criar o seu próprio Dicionário Vivo de Teatro, composto de tantos quantos *vídeos verbetes* forem criados-experimentados-debatidos.

Essa proposta de dicionário assume o caráter de vivo, porque captura um momento de criação e cada vez que é (re)visto, torna a ser debatido e analisado, as imagens prestam-se para mostrar um conceito, porém este não é fechado e o vídeo abre margem para que outras noções sejam percebidas e discutidas a partir dele. É uma possibilidade de reflexão que não se esgota enquanto houver a vontade de captar as imagens presentes naquele registro de tempo e espaço. Os próprios *vídeos verbetes* servem de parâmetro para que um conceito seja melhor compreendido e aprimorado. Por exemplo, um *vídeo verbete* que trata sobre objeto imaginário pode ser ampliado e reconstruído de acordo com a evolução da turma neste aspecto. Um *vídeo verbete* não é fechado, ele pode ser acrescido de outros momentos. Ele é vivo e deve tentar representar a aquisição do conhecimento dos alunos neste movimento de análise e reflexão da própria prática.

4.2 Arte, interação e aprendizagem

As ideias de Vygostky acerca da importância da arte e da interação social para o desenvolvimento humano dão suporte para a compreensão da relevância da atividade teatral no meio escolar, bem como a aplicação da metodologia do dicionário vivo.

Desde que nascemos já nos tornamos seres sociais, pois precisamos da interação com o outro para sobreviver, para conhecer o mundo ao nosso redor e, bem como, as formas de atuar nele. Aspectos cognitivos e emocionais estão diretamente envolvidos neste processo.

Quando uma pessoa entra para a escola, tem contato com o conhecimento científico; e tem, na figura do professor, um mediador que contribui para que ela possa agir neste espaço, para apropriar-se dos saberes nele contidos.

[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar apenas quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. [...] Assim, o aprendizado é um aspecto

necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 1989, p.101)

Para que haja aprendizagem, o sujeito passa por duas zonas de desenvolvimento: a zona de desenvolvimento real (quando o indivíduo realiza com autonomia determinada atividade), a zona de desenvolvimento potencial (quando o indivíduo realiza a atividade, mas com a ajuda/apoio de alguém) e, entre elas, há uma terceira: a zona de desenvolvimento proximal (é a distância entre as práticas que uma criança já domina e as atividades nas quais ela ainda depende de ajuda).

Para Vygotsky, é no caminho entre as zonas real e potencial (zona de desenvolvimento proximal), que a criança pode se desenvolver mentalmente por meio da interação e da troca de experiências. Não basta, portanto, determinar o que um aluno já aprendeu para avaliar seu desempenho.

Dentre muitas das atividades escolares que propiciam a interação de um sujeito com outro(s) e com diferentes ambientes, o teatro é uma atividade, que tem em sua essência esta característica. Fazer teatro é partilhar com o(s) outro(s) algo, é sintetizar uma ideia, é criar, experimentar, improvisar, agir, falar, errar e acertar, dividir tarefas, respeitar regras, trocar pontos de vista, colocar-se no lugar do outro, tomar decisões em conjunto.

5. Uma renda que se continua a fiar

“A aurora tece o algodão,
o algodão tece a fazenda,
mas a rendeira faz tudo:
tece o sonho e tece a renda...”

Francisco Carvalho

A feitura das tramas da pesquisa sobre a qual este trabalho reflete passou por diferentes etapas, que exigiram constantes relações entre minhas ações enquanto pedagoga e aluna do curso de Teatro. Foi uma necessidade e um desejo fazer as costuras entre as disciplinas do curso e a prática pedagógica, para alcançar, assim, significação para a aprendizagem e construção de novos conhecimentos em teatro para mim e para os estudantes com os quais desenvolvi o trabalho.

Durante a investigação sobre os saberes que os sujeitos traziam sobre teatro, foi necessário desenvolver **sondagens lúdicas**. Estas, nas suas especificidades – leitura de imagens, vídeos, produção de desenhos, participação de circuito/gincana – possibilitaram identificar algumas das referências que os estudantes traziam sobre teatro e suas características de jogo e improviso, no momento das atividades lúdicas e corporais. Aos dois grupos de 5º e 7º anos, foi comum relacionar às imagens e vídeos apresentados, características de programas televisivos e cinematográficos, onde faziam referência a personagens, enredos, a clipes musicais e propagandas, bem como a outras atividades como *shows* circenses e de dança. Ryngaert traz que: “[...] é evidente que a televisão é quem fornece a maior quantidade de esquemas tentadores, quer por intermédio dos numerosos filmes, quer pelos folhetins de tipo policial, os *westerns*, e, por vezes, a ficção científica.” (1981, p.176). Também foi possível reconhecer que os sujeitos, possuem conhecimentos prévios que são impulsionadores para a aquisição de novos e que devem ser reconhecidos e valorizados. Vygotsky diz que: “[...] o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola. Qualquer situação de

aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia.”(1989, p. 94).

Foram desenvolvidas duas experiências metodológicas para a aquisição de novos conhecimentos teatrais: criação de onze verbetes para um **dicionário de teatro para crianças** com o grupo do 5º ano; e três protótipos de **vídeos verbetes** para um **dicionário vivo de teatro**, com os estudante do 7º ano do Ensino Fundamental.

O dicionário de teatro para crianças, resultou do cruzamento entre as leituras das crianças acerca de elementos teatrais, com a pesquisa de Pavis (2007) e Kowzan (2006). Os verbetes apresentaram uma linguagem mais simplificada, mas contendo informações básicas para a compreensão do conceito teatral em questão. Essa primeira experiência metodológica fomentou a segunda: a elaboração de *vídeos verbetes*.

Com a adaptação de práticas desenvolvidas na disciplina de LIBRAS, o dicionário criado anteriormente e a necessidade de construir o conhecimento em grupo a partir de uma análise do próprio fazer teatral por parte dos estudantes, desenvolveu-se uma inusitada metodologia de criação de *vídeos verbetes* para um dicionário vivo de teatro. Este método, apesar de poucas experimentações, mostrou-se válido para a aquisição e qualificação da aprendizagem em teatro. Análise, reflexão, identificação de conceitos e exploração de novos, contato com termos específicos do vocabulário teatral, vivência do conceito através da prática, captura da imagem no momento da criação, são pontos fundamentais desta metodologia que ainda está em evolução.

O próximo rendado a ser criado é a elaboração de mais *vídeos verbetes* para o **Dicionário Vivo de Teatro**, ampliando-o, de modo que contemple os mais diversos conceitos teatrais. Uma intenção futura é publicar este Dicionário Vivo em um *blog* e, assim, compartilhar as descobertas dos vídeos verbetes como outros professores, alunos e demais interessados.

Referências

A mão do amor. Roque Ferreira. Maria Bethânia, Tua. Faixa 3, n. BF914. Biscoito Fino, 2009. CD.

COUTO, Mia. **O fio das missangas.** A infinita fiadeira. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo.** São Paulo: Ed. Hucitec, 2006.

KOUDELA, Ingrid D. **Jogos** Teatrais. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984.

KOWZAN, T. Os signos no teatro: introdução à semiologia da arte do espetáculo. In: GUINSBURG, J.; COELHO NETO, T.; CARDOSO, R. C. (Org.). **Semiologia do teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2006. p.93-123. (Debates, 138).

OLIVEIRA, Maria Eunice de; STOLTZ, Tânia. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 36, p. 77-93, Editora UFPR, 2010.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro.** Trad. Maria Lucia Pereira e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Para desembaraçar os fios. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 30, n. 02, p. 217-228, jul/dez. 2005.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para de teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989.

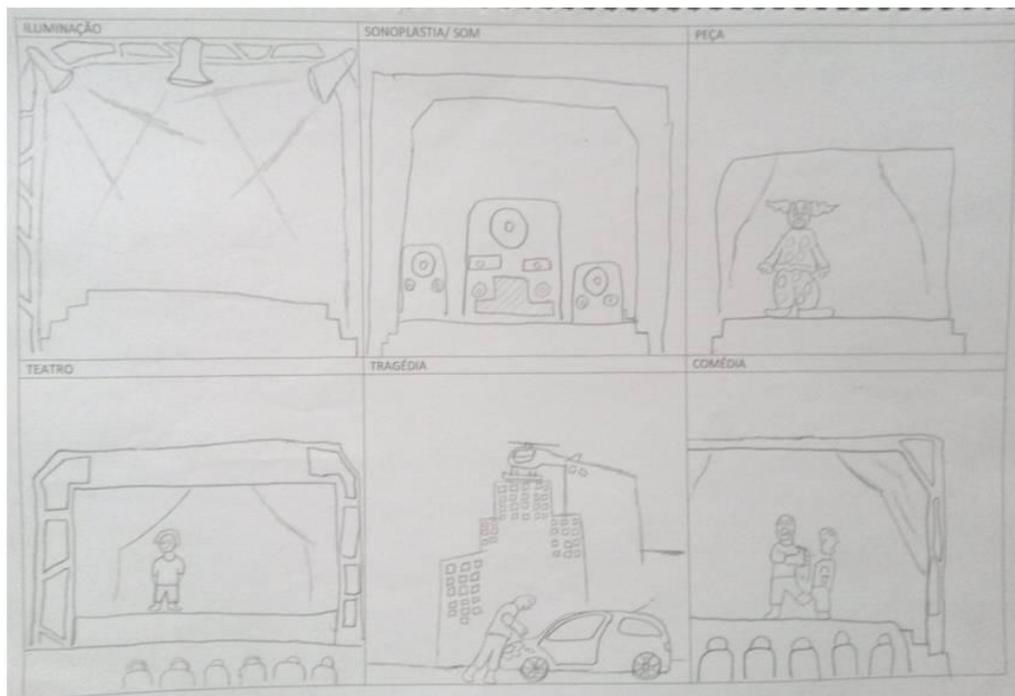
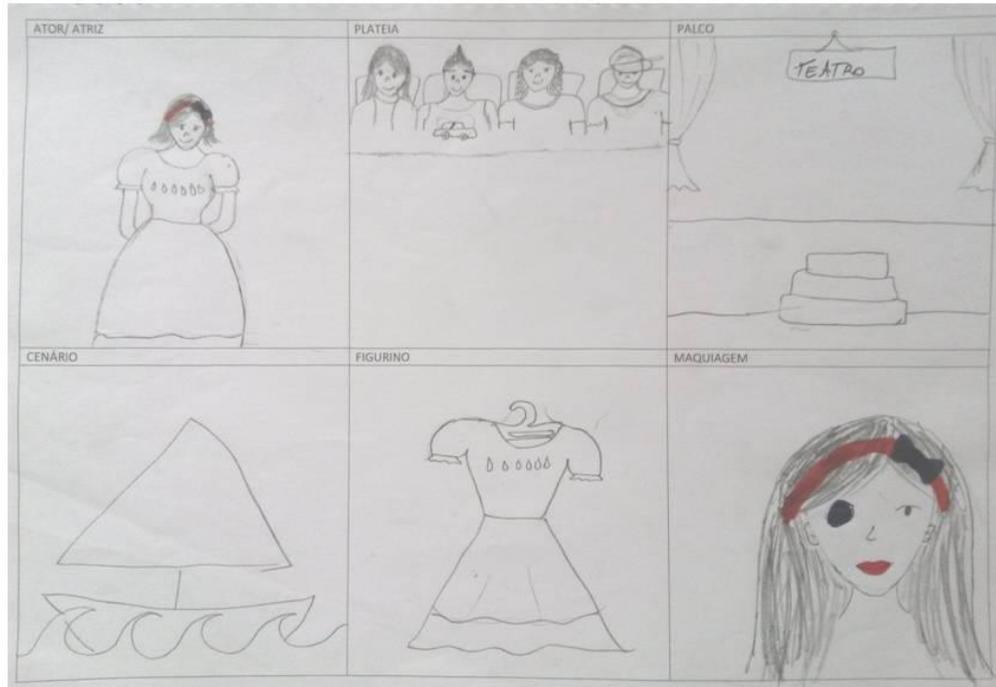
VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

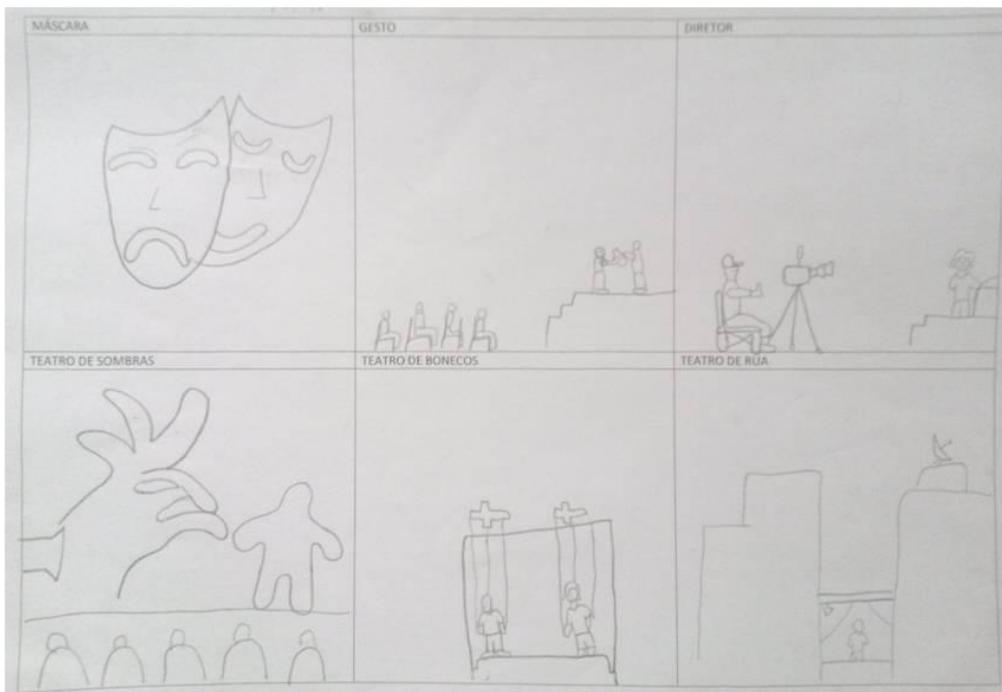
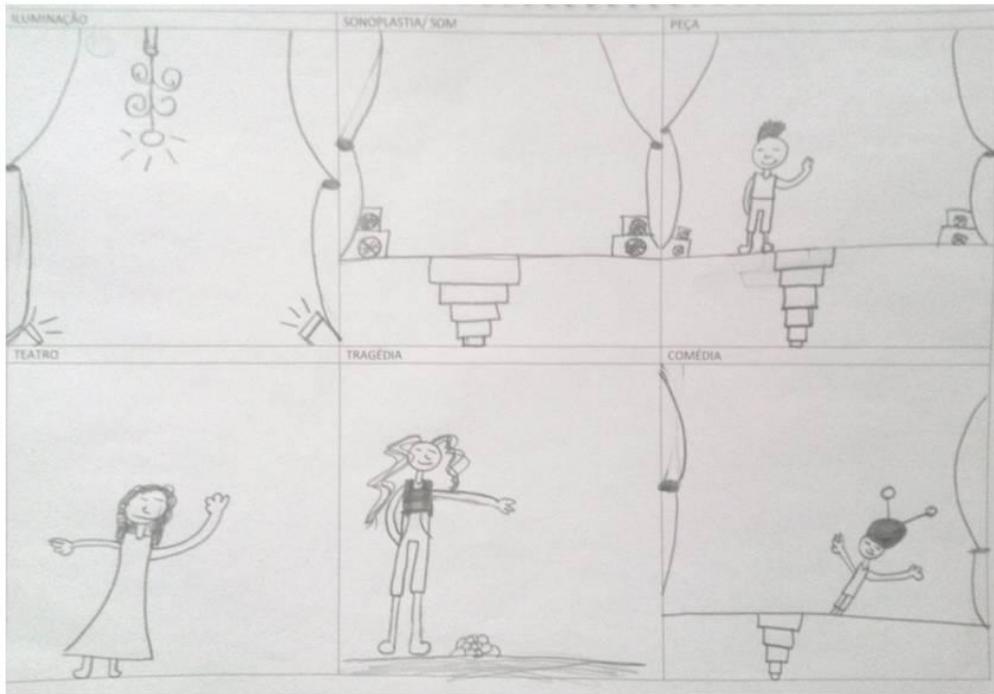
Imagens

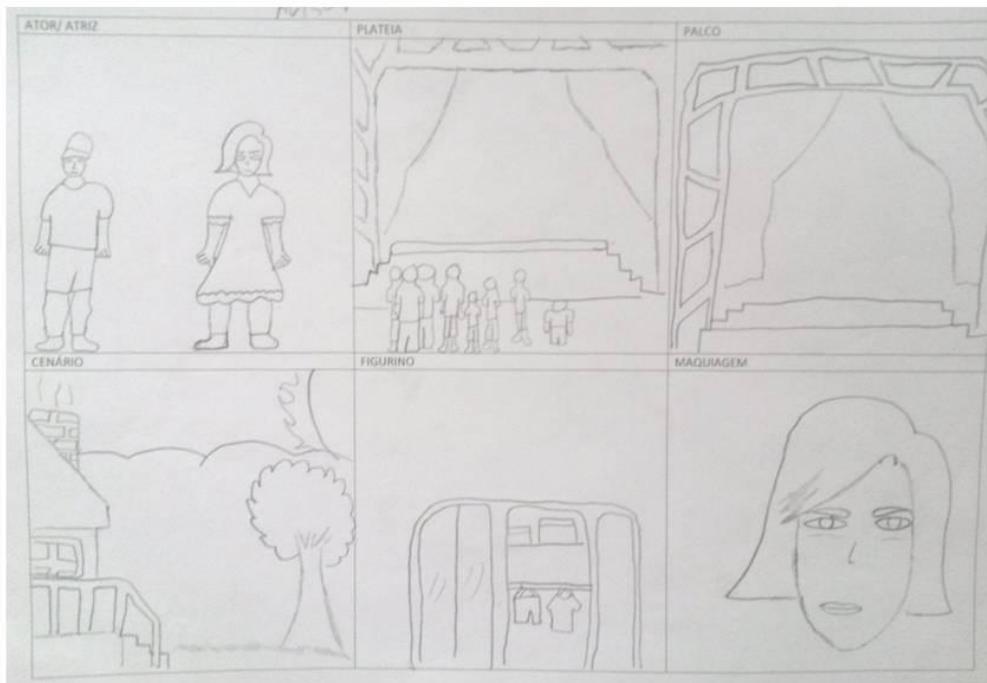
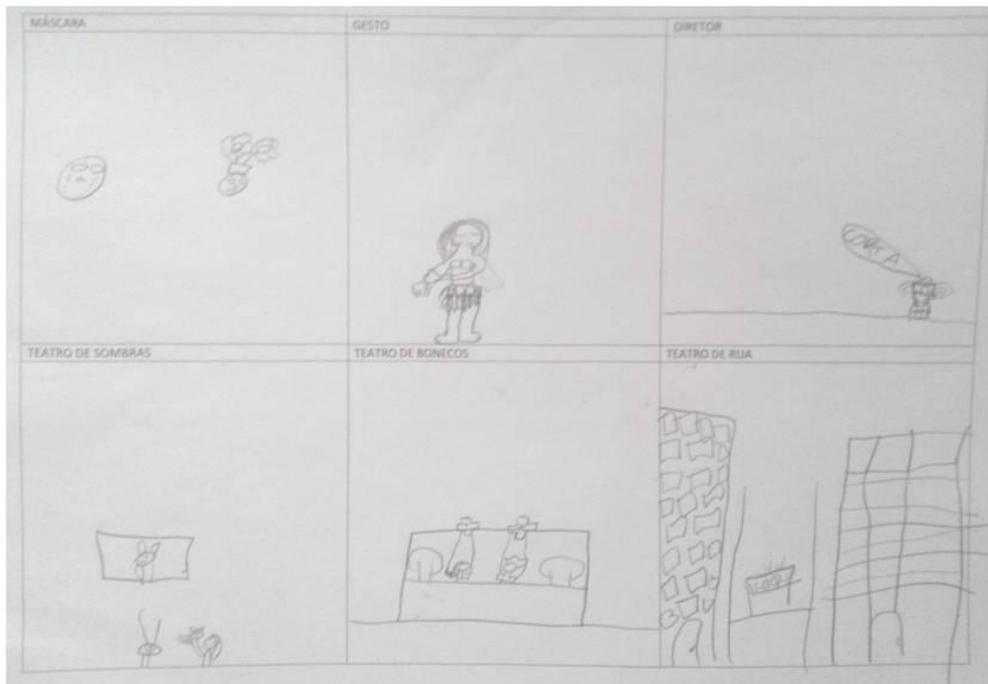
1. <http://bloguedohistoriador-marioviegas.blogspot.com.br/> (acesso em 17de junho de 2013)
2. <http://www.google.com.br/teatro> - opção imagens (acesso em 17de junho de 2013)
3. <http://www.desvendandoteatro.com/> (acesso em 17de junho de 2013)
4. <http://www.google.com.br/teatro> - opção imagens (acesso em 17de junho de 2013)
5. <http://www.google.com.br/teatro> - opção imagens (acesso em 17de junho de 2013)
6. <http://www.cenahum.com.br/agenda/workshop-de-teatro/> (acesso em 17de junho de 2013)
7. <http://www.google.com.br/teatro> - opção imagens (acesso em 17de junho de 2013)
8. <http://www.groupon.com.br/descontos/servicos/cursoteatro> (acesso em 17de junho de 2013)
9. <http://www.theguardian.com/stage/2000/dec/02/peter-brook-hamlet-theatre> (acesso em 17de junho de 2013)
10. <http://mrzieg.com/blog/2012/11/zieg-viu-a-opera-de-tres-vintens-com-berliner-ensemble-sp/> (acesso em 17de junho de 2013)
11. http://www.theatermania.com/new-york-city-theater/news/07-2005/act-french-festival-kicks-off-with-theatre-du-sole_6317.html (acesso em 17de junho de 2013)
12. <http://rockwallconservative.me/2011/10/19/kabuki-theater-the-proper-role-of-government/> (acesso em 17de junho de 2013)
13. <http://www.google.com.br/teatro> - opção imagens (acesso em 17de junho de 2013)
14. http://lazziciadeteatro.zip.net/arch2012-02-12_2012-02-18.html (acesso em 17de junho de 2013)
15. <http://www.google.com.br/teatro> - opção imagens (acesso em 17de junho de 2013)
16. <http://papagueno.blog.br/2012/07/> (acesso em 17de junho de 2013)
17. <http://www.google.com.br/teatro> - opção imagens (acesso em 17de junho de 2013)

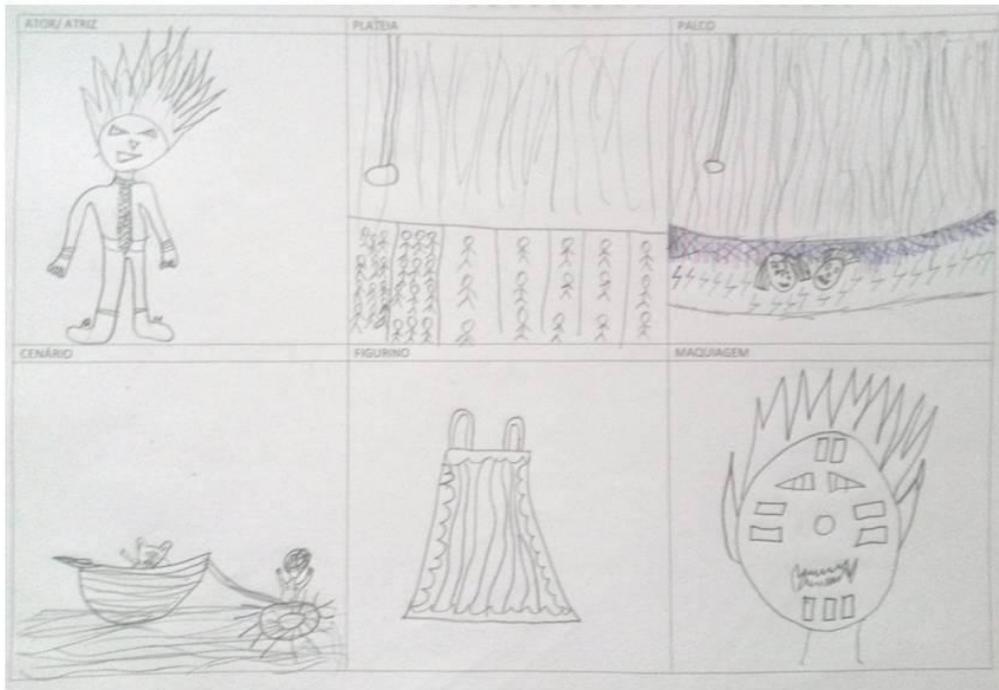
Anexos

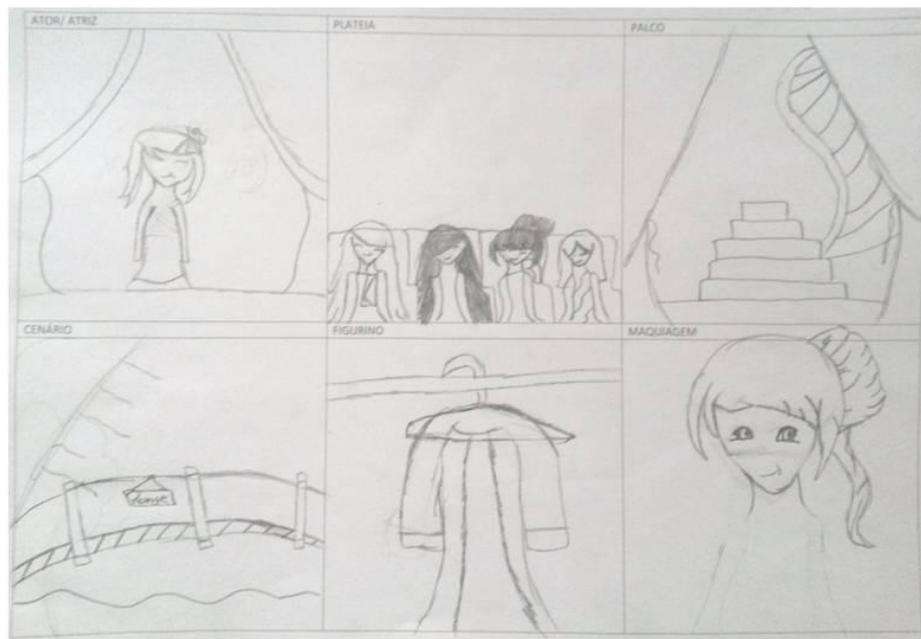
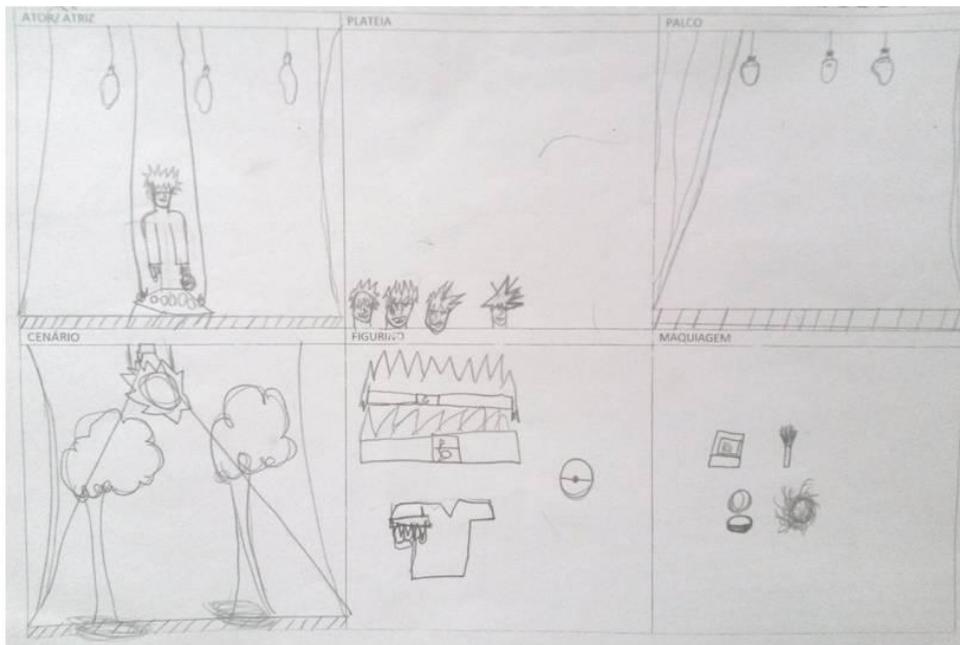
(Desenhos dos estudantes do 5º ano)

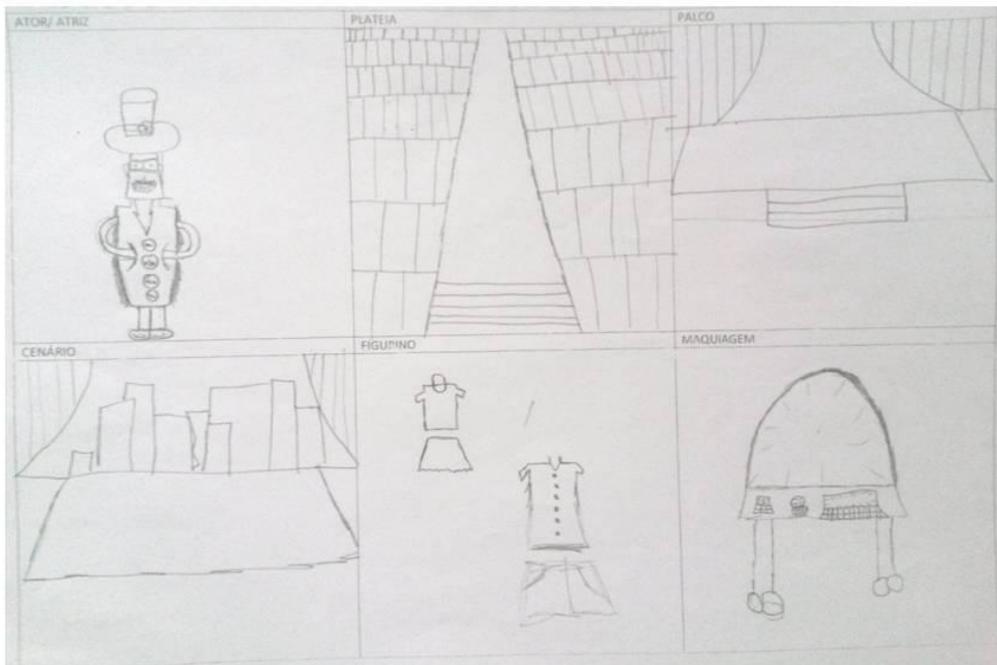


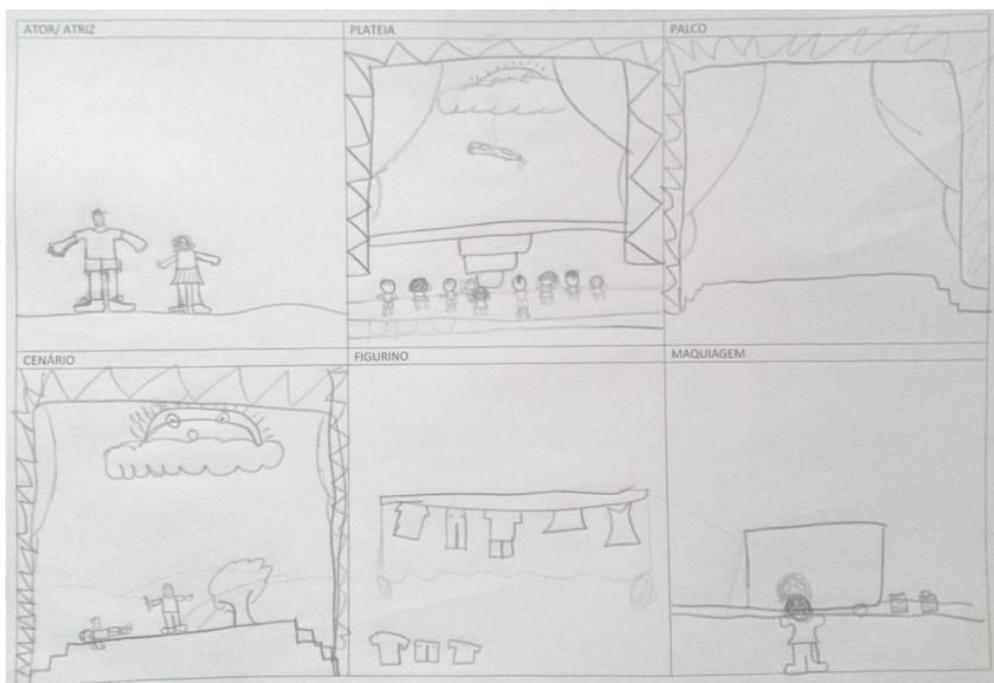


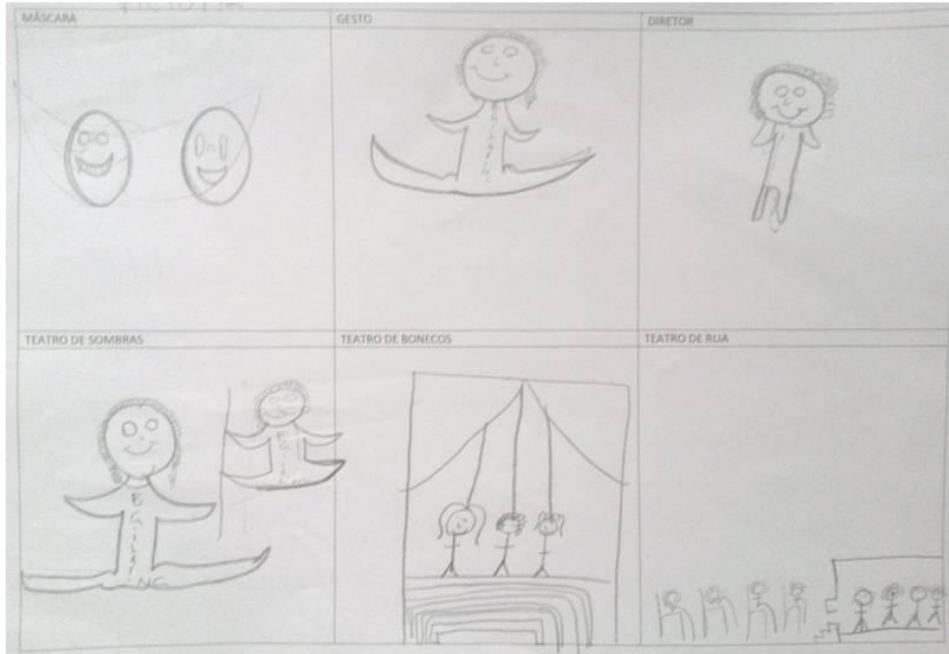
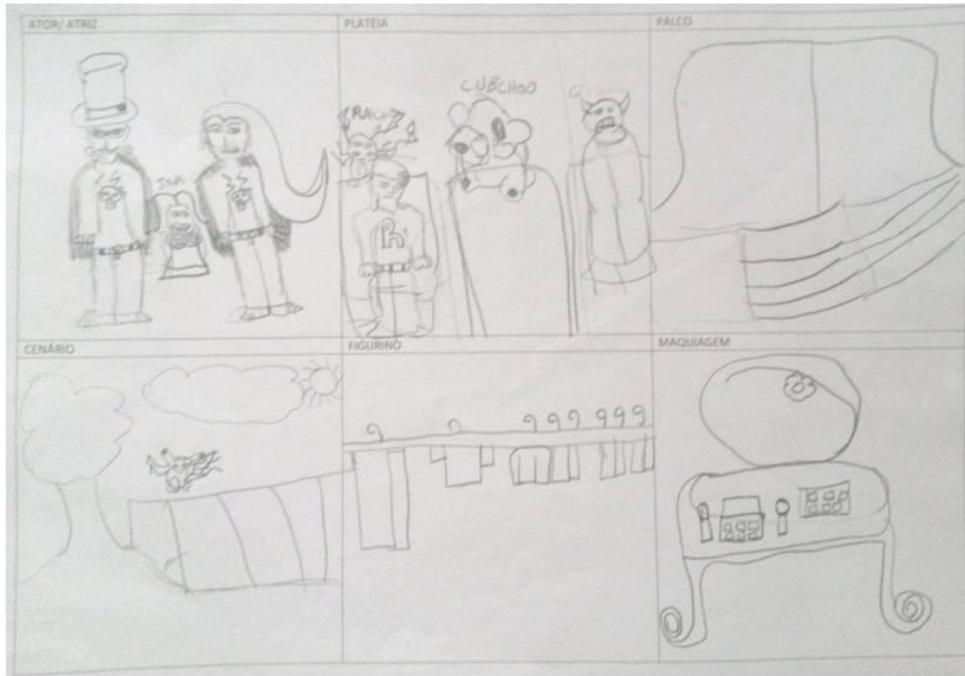












(Imagens dos vídeos verbetes)

ENTRADA DE CENA



DIÁLOGO



**OBJETO
IMAGINÁRIO**

